



IDEAL

ORGÃO LITTERARIO



ANNO I

Florianopolis, 26 de Agosto de 1906.

NUM. 16

O IDEAL LITTERARIO SEMANAL

Assignaturas

CAPITAL	
Trimestre	2\$000
INTERIOR E ESTADOS	
Trimestre	3\$000
PAGAS ADIANTADAMENTE	

REDACÇÃO
Rua 16 de Abril n. 20

Redactor—Clementino Britto.
Secretario—Godofredo Oliveira.
Thesoureiro—Irineu Livramento

Os originaes devem ser entregues até terça-feira de cada semana.

A redacção não se responsabilisa pelas opiniões emittidas pelos seus collaboradores.

A PARTIDA

Rompia a aurora silenciosa, estendavam o céu! A passara um véo de os ares, apressadamente, temendo o aspecto taciturno da natureza! Austo, soprava rijamente, levando adiante de si as pobres folhinhas, desprendidas das arvores. O mar, agitado, estendia sobre a ampla praia um limpido lençol de espuma. Tudo era melancolia e tédio!

Luiz, joven estudante, abandonava o lar materno, para completar seus estudos. A mãe, abraçada ao filho idolatrado, representava uma estatua de dôr! Luiz, ao pé de sua querida progenitora, derramando sentidas lagrimas, ouvia attentamente os sabios conselhos inspirados no coração materno.

Quando começou a rodar a hélice do navio, a sandosa mãe, quasi desfalleceu; aquelle navio lhe roubava metade de sua alma! Partir, meu Deus! Quando te tornarei a ver?!... Soluçava a mãe afflicta! Depois, muda e silenciosa, permeneceu no trapiche a pobre mãe, até que o navio desapareceu no horisonte!

Chorou ainda mais: muito mais, acalentando porém, no coração, a esperança de tornar a abraçar em breve o filho idolatrado.

GLORIA SILVA

20 ANNOS

A GOD'OLIVA

Vinte annos! Um collar de alegrias, um rosario de festas!

A adolescencia em toda a sua plenitude—sincera, pura e risonha!

Que de pensamentos bellos e sonhos agigantados não se chocam na nossa mente!

O coração é um sacrario prompto á receber o amor e nem só o amor, como a tudo que é grande e elevado.

Olhamos a sociedade como si fôra um novo Olympo e cada senhorita que se nos depara, representa uma deusa a quem dirigimos uma prece repassada de um misto de branda caricia e paixão ardente.

Somos pagãos; conduzimo-nos á idolatria...

Mas é um paganismo este que em antes pelo contrario—vem robar a nossa crença.

Si nos viramos para o passado, n'elle só vislumbamos um desfiar de alegrias...

E' a transição do homem—menino para o homem—cidadão.

Ainda não estamos no gozo dos direitos civis e politicos, e todavia não somos irresponsaveis;—a sociedade nos toma contas e exige que nos cingamos ás leis.

Pois bem, amigo, attingiste a 20 do fluente a esta aurea idade e, eu, que já passei por ella—feliz e satisfeito, te saúdo, desejando que sejas um forte, um trabalhador incansavel—d'esses de tempera de aço que sabem derribar todos os escolhos que se lhes antolham na lucta pela vida e tambem que conserves essa lhaneza e affabilidade, que são o teu caracteristico.

Assim, acceita um cordeal abraço do velho

XISTO XIMENES

HORACIO NUNES

Este nosso intelligente collaborador e distincto amigo exonerou-se, a 24 do corrente, do cargo de orador da benemerita Associação Irmão Joaquim, em vista dos seus muitos affazeres.

JESUS

PARA O IDEAL

Jesus foi o symbolo da caridade, do amor e da sabedoria...

Symbolo da caridade, porque a caridade foi sempre o thema que elle pregou para o bem da humanidade; symbolo do amor, porque morreu em uma cruz por amor dos homens; symbolo da sabedoria, porque nasceu com o dom sublime da intelligencia, que nenhum outro podia já mais tel-a tão grande.

E morreu nos braços de uma cruz para mostrar á humanidade como é doce morrer para salvar o Universo do erro em que jazia...

Nós, como Christãos, devemos acompanhar a doutrina de Jesus para sermos felizes e ganharmos, um dia a sua benedicta misericordia.

Florianopolis, — SEMPRE-VIVA

SILHUETA

III

SENHORITA J. F. V.

Escolhemos para nosso esboço de hoje uma sympathica senhorita que tem a seu favor, e para facilitar a penna do pobre Lux, mocidade e belleza.

Os seus olhos castanhos são duas perolas engastadas no seu rosto claro de Madona linda.

Os cabellos são de um magnifico louro como os raios de Apollo ao nascer.

Fronte espacosa onde esconde os seus sonhos de noiva.

Talhe esbelto e sympathico. Bocca mimosa.

Ella não tem os impetos heroicos de Júpiter a heroína judiaca, nem é tão religiosa como Faria, mas em compensação tem intelligencia cultivada como a Veiga.

Muito breve deixará a risonha vida de solteira casando-se com o nosso intelligente companheiro Mario Sylvestre.

Para terminar diremos que, a se-

nhorita em questão, é filha do maior propagandista republicano nesta terra.

LUX

PERFIL

III

I. A. DO L.

Passos lentos, chapéu de sol debaixo do braço, cabeça baixa, quem o vê assim dirá que algum desgosto acabrunha o nosso amigo e no entanto está sempre alegre, fazendo aos que com elle convivem passar horas agradáveis, pois, possui um escolhido repertório de anedoctas cada qual a mais interessante.

Nunca foi visto com chapéu duro embora aos domingos appareça de sobrecasaca com pretensões a redactor-thesoureiro de certo HEBDOMADARIO.

Pertenceu a classe dos empregados estadoaes onde gosou sempre a estima de seus chefes devido ao seu caracter honrado e cumpridor de seus deveres. Actualmente é funcionario federal exercendo com criterio e intelligencia o logar de 2º escriptuario da Delegacia.

Moreno, pouco bigode, estatura regular, gordo, o nosso heróe pretende em breve casar-se para o que já se acha em preparativos.

Poucas vezes é visto em bailes e quando o faz é unicamente para acompanhar sua familia e após a primeira quadrilha, sua marca predilecta, não mais é visto no salão.

Filho exemplar, tem sobre os hombros a chefia da familia, cumprindo fielmente o dever de irmão dedicado e filho estremo.

Pertence á redacção d'O IDEAL; foi por algum tempo encarregado da secção charadistica onde encobria-se com o pseudonymo de NEOPHYTO.

Principiou a escrever uma série de lindos escriptos intitulados PESTES, sendo elogiado por todos pelo primoroso gosto e fino estylo que revela na litteratura.

E' modesto, pois, só escreve a muito pedido do Cleto Barreto e do God'Oliva e quando tem occasião de LIVRAMENTO adeus, lá se foi o MARIO, o impagavel SYLVESTRE deixando os collegas a esperal-o.

E agora? Agora, diz o God'Oliva,

só ARMANDO um laço, do contrario foge de novo !!!

POIS, MEUS SENHORES É O QUE LHES DIGO e lá segue elle em direcção ao Matto-Grosso.

FUX

A FÉ

Este nosso sympathico collega orgam da benemerita Associação Irmão Joaquim, completou a 24 do corrente o seu terceiro anno de existencia.

Aos redactores d'A Fé enviamos um forte amplexo de envolto com os votos que fazemos pela prosperidade de tão util collega que bate-se ardorosamente pela realisação de um ideal sacrosanto—A fundação de um Asylo de Mendicidade.

CARTA

Recebemos a seguinte:

Exmo. Sr. major Cleto Barreto
Saude e patacas.

Muito grato pela publicação da minha carta e do meu rondo.

Ao mesmo tempo, porém, que lhe agradeço a fineza, sinto-me profundamente apprehensivo de ter sido causa...do que houve por minha causa.

Calcule as funestas consequências da minha fraqueza de dizer que tinha tido relações com o Tiradentes.

Apenas appareceu, no domingo ultimo, e seu jornal, ouviu-se um grito unanime em toda a cidade, desde a Prainha á fabrica do

—E' elle! Pega para...

E pingavam os ii com pontos maiores do que as nossas cabeças, que não são das mais pequenas.

É um reboiço dos meus peccados estabeleceu-se logo, quasi tão grande como o que houve em Matto-Grosso e no Sergipe, e que hade necessariamente haver em outros logares, desde que o Congresso achou que as coisas em Matto-Grosso tinham corrido muito bem e que não havia motivo para que o governo lá mettesse o bedelho e desmanchasse a egrejinha.

Formaram-se meetings nas praças, nas ruas, na lanchinha do Estreito, na ilha das Vinhas e no Ratonos grande.

Aquelles que ainda não sabiam do que se tratava, ou escafediam-se para suas casas, com medo de algum tapa-olho por tabella, ou approximavam-se de algum conhecido e indagavam, a bater os dentes, como quem bate castanholas:

—Oh! Fuão, que diabo d'aquillo é isto?

E apenas o Fuão explicava a coisa, mettiam-se logo no meio da onda, berrando ainda com mais força do que os outros:

—E' elle! Pega para...

E eu muito descançado em casa, sem saber da borrasca, cantando a *Maria Caxuxa* para adormecer o meu ultimo tataraneto—o Bitú,—que embirrava em não querer dormir, e que berrava mais do que um cabrito quando se vê longe da... casa do dono.

No meio da minha cantoria e dos ganidos do Bitú, pareceu-me ouvir, ao longo, um rumor semelhante ao do mar embravecido.

—E' o vento que refresca,—pensei.

Continuei a cantar, e o rapaz continuou a berrar.

Casquei-lhe duas chinelladas, para accom-

modal-o; mas foi peor a emenda do que o soneto: o Bitú passou de cabrito a boi.

Entretanto, o rumor approximava-se e tornava-se mais distincto.

Já se ouviam perfeitamente repetidos e entusiasticos vivas, interrompidos pelo foguetorio e pelo—tará lá chim—de uma musica de pancadaria.

—Temos engrossamento na visinhança,—reflecti,—e engrossamento... grosso, com vivas, foguetes, musica, retrato a oleo, discurso e todos os matadores da chapa.

E ia levantar-me, para yer, da janella, o *dexfile* (palavra nova e bonita naturalmente macaqueada do estrangeiro) dos maganões que iam filar a cerveja de alguém, quando bateram-me á porta com tanta força, que o Bitú, assustado, ficou com o ultimo berro atravessado na garganta, e eu dei tamanho pulo, que quasi fiquei grudado no tecto.

—Com os diabos!—exclamei.—A coisa é comigo!

Ao mesmo tempo, na rua, foguetes espocavam, a musica rompeu um—tará lá chim—empolgante (como é moda dizer-se hoje) e dez ou doze mil vozes bradaram:

—Viva o illustre Paneracio dos Anjos!

—Vivô!

Não tive remedio sinão abrir a porta.

Apenas a multidão me vio... foi um delirio!

Entrou uma commissão composta de 25 milhões e 60 mil officiaes da guarda nacional conduzindo o meu retrato em ponto natural.

Um dos maiores engatilhou o verbo, e lá vai obra:

—Eil-o aqui, meus senhores!—bradou gesticulando como um boneco de molas e estendendo as mãos como se quizesse furar os olhos dos outros 25 milhões, 59 mil, 999 maiores.—Eil-o aqui o glorioso coevo do im-

E o povo fóra:

—Vivô!

O orador continuou, segurando-me rhetoricamente pela ponta do nariz:

—Isto meus srs., não é um homem: é um monumento... gothico!

E o povo fóra:

—Vivô!

E, no mesmo diapasão, falou mais de uma hora, *xingando-me* com os nomes mais bonitos e mais entusiasticos. Só—illustre—chamou-me elle 3.248 vezes. D'ahi para diante perdi a conta.

E terminou gritando:

—Toque a musica!

E a musica tocou uma das mais bellas peças do seu vasto repertorio.

Acceitei o titulo de illustre, porque um de mais ou de menos não altera os 500 milhões de toneladas d'elles que temos por ahi desconhecidamente ignorados.

Quando o orador fechou a torneira da verborrhagia, o entusiasmo chegou ao cumulo:—não houve cão nem gato que não me abraçasse, beijasse, e confirmasse o diploma de illustre, gritando:

—E' elle! Pega para engrossar!

Mandei á venda da esquina comprar uma duzia de cerveja marca barbante e offereci á trôça, que se lambeu.

A musica tocou; foram feitos 722 brindes á minha saude e 80 a 100 a cada membro da minha familia, e lá pelas tantas da noite deixaram-me em paz.

Quando sahio o ultimo major, fechei mais que depressa a porta e deixei-me cahir em uma cadeira.

—Uf!—murmurei.—Que alivio! Já nem se pode ser contemporaneo do Tiradentes!

Tudo aproveitam para arranjar um engro-
sa! Caracoles!

E não pude, em vista do meu estado ner-
roso, desempenhar-me do compromisso que
contrahi em minha primeira carta de contar-
lhe alguma coisa da minha mocidade. Fica-
rá isso para outra vez.

Por hoje remetto-lhe uns versinhos que
encontrei entre os meus papéis velhos. Fô-
ram feitos por ocasião de uma tremenda
gota que me deu a Almira por causa do or-
denança do coronel Joaquim Silverio dos
Reis.

PANCRACIO DOS ANJOS

P. S.—Quem cala, consente: V. Exa., que
não declarou que é ou não é major, é por-
que não é ou é major, e, portanto, continuo
a dar-lhe o tratamento de major, embora não
seja major. Não tendo igualmente declarado
que não tem ou tem cara metade e que
possue ou não possui gentis bambinos, con-
tinuo a recomendar-me aos gentis bambi-
nos e à cara metade.

P. DOS ANJOS

A MINHA DOR

Oh! echos das montanhas,
Dos verdes, lisos prados,
Ouvi os tristes brados
Do meu saudoso amor.

Chorai commigo, oh! echos,
Chorai a minha dor!

Longe de Almira bella,
Do seu olhar distante,
Minha alma delirante
Do lucto veste a côr...
Foste desventurado
A solidão o horror!

Chorai commigo, oh! echos,
Chorai a minha dor!

Almira doce e meiga,
Era o meu almo dia
De festa e de alegria,
De luz e de calor:
Por ella—só pulsava
Meu coração ardente,
Por ella só—contente
Eu tinha á vida amor!

Chorai commigo, oh! echos,
Chorai a minha dor!

Almira desprezou-me,
Deixou de bemquerer-me,
Não quer, ai! céos! mais ver-me,
Nem dar-me o seu amor:
A outro mais ditoso,
Mais rico de ventura,
A bella creatura
Adora com fervor!

Chorai commigo, oh! echos,
Chorai a minha dor!

E eu vivo triste, em penas,
Da dor nas luras fragoas,
Chorando as minhas magoas,
A vida tendo horror...
Si vivo abandonado,
Perdido, só, no mundo,
Da dor no abysmo fundo,
No tumulto da dor!

Chorai commigo, oh! echos,
Chorai a minha dor!

Meu coração choroso,
Exanime, gelado,
Só manda aos céos um brado:
—Morrer por este amor!

Chorai commigo, oh! echos,
Chorai a minha dor!

PANCRACIO DOS ANJOS

SARA E ALBERTO Conto

Ao ALCYDES TOLENTINO
(Em retribuição)

I

Era loura, bem loura uma gentil
creancinha que nos casebres rusticos
dos camponeses fora creada e que na
tenra idade perdera sua estremosa
mãe.

Viva e intelligente despertara no
pensamento de seus paes adoptivos a
idéa de mandal-a educar e como na
aldeia em que viviam tinha um colle-
gio regido por uma professora, facil
foi matricular em Sara; pois assim cha-
mava-se.

Devido a sua intelligencia fertil con-
seguiu ser uma das melhores alumnas.

Frequentava o mesmo collegio, um
camponezinho que tambem como Sara,
era intelligente e applicado.

Estes dois jovens foram logo attra-
hidos por uma corrente mutua de
corações e tornou-se verdadeiros ami-
guinhos. Com o correr dos annos tor-
naram-se moços.

Alberto, o amiguinho de Sara, mo-
rava em uma casinha junto a de sua
companheira que tornára-se possuido-
ra de uma belleza sem rival.

Seu companheiro de collegio dese-
jando seguir a carreira naval, partira
para capital afim de completar os seus
estudos. Chegadas as férias, correu
pressuroso para junto de sua familia
e deslumbrado vio quão linda tinha-
se tornada sua companheira d'outra ora.
Levantava-se cedinho e ia postar-se
enfrente ao portão de Sara para con-
templar a sua belleza. Porém em uma
destas manhãs de primavera em que
o astro luminoso apresenta-se orgu-
lhoso, ostentando a força de seus raios
que dão á natureza um encanto subli-
me, Sara levantára-se cedo e fora
passar ao jardim que ficava nos fun-
dos de sua chacara. Chegando ao gra-
dil vio um lindo mancebo que para-
do, olhava-a extasiado. Sara ao deparar
com aquelle joven, quiz retirar-se
porém reflectindo que era uma acção
pouco cortez, resolveu-se ficar.

Reparando então no mancebo, re-
conheceu o seu antigo companheiro de
collegio; seu coração pulsou com força
e dos seus labios escaparam estas phra-
ses:

— Como é bello! Sinto que o amo
devéras. Serei correspondida?

E uma amarga lembrança confran-
geu seu terno coração. Alberto tam-
bem deparando com aquella joven tão
linda, sentio o amor invadir o cora-
ção e como as horas iam adeantadas
retiraram-se. Sara ao chegar em casa
encerrou-se no seu quarto balbucian-
do entre soluços. Meu Deus, serei ama-
da tambem? Teria elle sentido o mes-
mo amor brotar-lhe n'alma?

II

São passados cinco annos Alberto
completára os estudos e voltára para
sua confortavel vivenda, convieto na
realização de seus sonhos juvenis e
n'uma noite em palestra familiar re-
solveu confessar o seu amor.

Seu pae que lhe amava muito, pro-
metteu ir no dia seguinte entender-se
com os paes de Sara.

Alberto louco de alegria lançou-se
nos seus braços exclamando:

— Oh! como vos amo! Como vos
sou reconhecido por incumbirdes da
realização da minha felicidade.

Seu progenitor verdadeiramente sa-
tisfeito com estas provas de amor fi-
lial disse:

— Nada tens a agradecer-me pois
não faço mais do que cumprir com as
obrigações de um pae que deseja para
seu filho, toda sorte de venturas e fe-
licidades.

III

Alegre desponta o dia. O sol ba-
nhando com seus raios luminosos a
verde campina que desenrola-se fron-
tencanto sublime.

Os passaros em harmoniosos cantos,
saltitando de ramo em ramo, saúdam
ao astro do dia. Pelo prado correm
as aves domesticas em procura de
alimento.

Transpondo o limiar da porta da alva
casinha apparece um lindo e joven casal
seguido de creanças que correm con-
tentes na verde gramma enquanto que
seus paes vão sentar-se debaixo de
um caramanchão formado de brancas
rosas. A moça tomando entre as suas
a mão de seu esposo diz:

— Lembras-te Alberto do nosso tem-
po de collegio? Oh! Sim, minha que-
rida Sara. Eramos pequeninos e brin-
cavamos juntos como estas duas inno-
centes creanças.

Passaram-se os annos, tornamo-nos
moços e casamo-nos. Agora Deus para
nos tornar ainda mais felizes e lem-
brarmos aquelle passado ditoso; deu-
nos estes dois anjinhos.

E Alberto ao terminar esta phrase
deposita um sincero e prolongado oscu-
lo nas faces de sua esposa.

NEMO

O nosso caro collega Godofredo Oliveira,
um dos sustentáculos deste semanario, nos en-
viou attencioso cartão em que nos agradece
as referencias aliás muito merecidas, que lhe
fizemos por ocasião de noticiarmos a passa-
gem do seu anniversario natalicio.

A proverbial gentileza do God'Oliva nos
confessamos gratos.

ANNITA GARIBALDI

Reuniram-se domingo ultimo, em uma das salas da Associação dos Empregados no Commercio, diversos cidadãos a fim de deliberarem sobre o modo de homenagear-se a memoria da inextinguível heroína catharinense Annita Garibaldi.

O sr. Dr. Caruso Macdonal regente consular da Italia, leu brilhante discurso em que pôz em destaque o valor de Annita.

O sr. Dr. Lebon Regis disse que os promotores d'aquella reunião tinham em vista auxiliar ao monumento que em Roma vai ser erecto á Annita bem como a edificação nesta capital de um edificio para uma escola publica que denominar-se-ha Annita Garibaldi.

Acceitas estas propostas foram nomeadas duas commissões centrais uma de homens e outra de senhoritas.

Essas commissões tem estado reunidas e já dêram principio aos seus trabalhos.

Que o povo catharinense saiba recompensar os esforços das commissões nesse patrimonial os nossos desejos.

EPITAPHIO



A qui jaz o Zé dos côvos
Que comprava queijo em lascas;
N'unca em vida comeu ovos
P'ra não pôr no lixo as cascas!...

G. de Bruxellas

SECÇÃO CHARADISTICA

(CONCURSO DE AGOSTO)

Charadas novissimas

Ao INVENCIVEL MARAJÓ

Foi com o cacete da Manoela que matei o bacalhau—2, 2.

G. de Bruxellas

Ao G. DE BRUXELLAS

Com vinho em bolsinhos, peguei o ladrão subtil—2, 2.

Thebas

Ao BRITTO

A esmo, com a fileira, fiz uma touca—2, 2.

Aymoré

Ao BECKER

Na serra, além, tem um rio—2, 1.

Pedroca

A medida teve augmento de valor por causa do sobresalto—2, 2.

Ottirb

Da cidade o homem regressou a villa—2, 3.

Adnon

Ao PLUTÃO

Linda ave é esta ave—2, 2.

Et

Ao ALVARO SOUZA

A base do culto é ser louvado—1, 2.

Dario

A planta aqui é passaro—2, 1.

Aymoré

O fructo que o garoto tem foi encontrado n'um caminho estreito—3, 1.

Adnon

(ELEGANTES)

Interjeição e interjeição—2.

O passaro é do perceptor—2.

A arvore africana pertence a este homem—3.

Celia

(AUXILIARES)

At—arbusto.

Rá—mamífero.

Ra—defeito.

Monte.

Gará—serra.

Rahá—rio.

Dahu—rio.

Archipelago.

Adnon

(INVERTIDA)

Cidade ás direitas.

Contração ás avessas—2.

Ottirb

(ELECTRICA)

Ao SAUL

Rio de Portugal é flor—1.

Ottirb

(TELEPHONICA)

Dlin dlin dlin.

Quem falla?—3

Teu amigo Generoso—1

Que querer?

Communico-te que hontem, n'um motim, levei uma tremenda pancada no chapéo que quasi morri de susto!...

G. de Bruxellas

Enigmas

Ao DR. ARRELIA

A's direitas, caçador,

Verás inchaço na pelle;

A's avessas, instrumento

Que só Hebreus tocam n'elle.

Plutão

Ao ALBON

O general está na villa.

Et

Na bananeira existe um vulcão.

Plutão

Logogripho

(POR LETTRAS)

Todo homem de dinheiro 1,5,7

Que casar com mulher pobre, 3,6,1

Deve ter um candieiro

P'ra contar de noite o cobre.

Em mulher ninguém se fie, 6,4 (*)

Como homem vos aviso, 6,2,4,6,1,2

Sempre d'ella desconfie,

Pois mulher tem pouco siso.

G. de Bruxellas

(NORMANDO)

Ao Zoroastro

Mulher

Animal

Capital

Astro

Quadro

Decifrarás

Casualmente

Porquê foi feito

Confusamente.

Sylvio

Borda

Ilha

Dia

DE HOMOINUM

Decifrador,

Acharás fructa

De bom sabor.

Plutão

(TELEGRAMMA)

Come planta a ave

1,2,5,4

1,2,3,6

1,2,5,4

1,2,3,6

Adnon

Decifrações

As do numero anterior, são: Leucoma, Faraco, Hygroma, Lydia, Barbosinho, Batota, Pombaba, Sachola, Urupé, Guamajacá, Graúdo, Limpopo, Lufa-lufa, Cecem, Polido, Quiloa, Charlatão, Castro, Sapo, Xaca, Lucano, Abano, Manta, Patricio e Cravo.

Decifraram: Senhorita Celia, srs. Adnon, Ottirb e Marajó, 25; G. de Bruxellas, 23.

Nota

Continúa a disposição dos srs. charadistas o logogripho, cuja decifração é uma phrase latina, publicado no nosso n. 8. O autor offerece um romance ao primeiro decifrador.

Caloio

(*) Dicionário de F. de Almeida.

GABINETE TYPOGRAPHICO

NATIVIDADE

48—RUA SALDANHA MARINHO—40